

O IMAGINÁRIO CIENTÍFICO SOBRE O CORPO CONSTRUÍDO PELA MÍDIA A PARTIR DE 1950

Célia Aparecida Rocha

Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Página: www.fae.ufmg.br/posgrad

Endereço eletrônico: célia@agronet.gov.br

Palavras-chave: corpo – ciência – tecnologia – biopoder – mídia – imaginário científico

RESUMO

Este estudo visa compreender as mudanças das representações sociais acerca do corpo humano na segunda metade do século XX, a partir da análise da mídia impressa. Entendemos que a mídia é um gênero de discurso significativo na compreensão da formação do imaginário social acerca da ciência e sobre formas de ser e agir na sociedade contemporânea.

A investigação problematizará as mudanças das representações da vida humana mediadas pela tecnologia. Com isso, o complexo da tecno-ciência é entendido como forma de saber-poder, que manipula o corpo e provoca efeitos potentes na experiência humana. A contínua e acelerada mudança tecno-científica impactou profundamente os corpos na sociedade contemporânea, cuja construção acontece por meio da vivência da tecnologia, mas também, através da veiculação de representações construídas pela grande imprensa. No caso deste estudo, os meios de informação de massa escolhidos como fonte de pesquisa foram as revistas de publicação semanal: Manchete (1952-1962) e Veja (1968-2006).

Visamos pensar o aumento exponencial da tecnologia na reconfiguração dos corpos e da vida na contemporaneidade, cujas conseqüências afetam profundamente a sociedade em relação às categorias de classe, gênero e raça. Entendemos desta forma, que a tecno-ciência, enquanto forma de saber, se constitui em poder de formatar corpos e também subjetividades. Por isto, nossa intenção é também investigar este conhecimento tecno-científico de dimensões extraordinárias e perigosas como forma de biopoder. Esta análise do poder sobre a vida será realizada através de uma atualização do conceito de biopoder do filósofo Michel Foucault.

A partir de uma perspectiva histórica, com base no conceito de representação e prática social de Chartier, na análise discursiva de Pêcheux e Orlandi e na concepção de imaginário social de Castoriadis, o fio condutor desta investigação será a análise dos discursos textuais e imagéticos sobre o corpo na mídia impressa, de 1950 até 2006, cujos sentidos são construídos com base nas três principais áreas da tecno-ciência contemporânea: a informática, as telecomunicações e as biotecnologias.

APRESENTAÇÃO

Nossa pesquisa parte do pressuposto da categoria corpo-objeto¹, como instrumental múltiplo de inscrição tecnológica e científica e através também da compreensão do corpo como uma construção histórica e cultural, sobre a qual, articulam-se diferentes discursos e saberes científicos e tecnológicos. Nossa análise se centrará nas representações de corpos e práticas estampados nas principais revistas de grande circulação no país durante o período delimitado e terá como hipótese de trabalho a reconfiguração corporal pelo discurso técnico-científico. Pois entendemos que os avanços advindos deste conhecimento ‘corporificam ou reconfiguram o corpo’

através de uma lógica que transforma tanto a nossa maneira de ver/sentir o corpo, quanto nosso posicionamento perante o outro e o mundo. Principalmente se considerarmos que a ciência é considerada como o paradigma de conhecimento que detém a verdade acerca do homem e do mundo.

Assistimos a uma redefinição antropológica da condição humana, quando na contemporaneidade todos os processos humanos são coisificados pela hiperbiologização do homem e sua realidade é progressivamente mediada pela tecnologia. No discurso tecno-científico contemporâneo há uma insatisfação ou um desconforto com o humano, levando-nos ao pós-orgânico, ao pós-humano, proporcionados por uma potencialidade de atividades. A visão do homem-máquina é cada vez mais acentuada, visando sua re-construção, sua re-modelação. Desta forma, entendemos que o conhecimento tecno-científico modifica a corporeidade dos seres humanos, sendo este processo também uma forma de educar os corpos na sociedade. Por este motivo, nossa proposta de investigação ancora-se no campo da corporeidade, pelo fato de entendermos que é no corpo que se aplicam as mais diversas tecnologias de poder.

É Foucault quem diz que o controle da sociedade se faz também pelo corpo e com o corpo, sendo a tecno-ciência o saber que produz poder. O poder, segundo Foucault², desenvolveu-se concretamente a partir do século XVII e pode ser traduzido através de dois modos: o primeiro entende o corpo enquanto máquina, nesse caso, garantido pelo poder implícito nas formas disciplinares de tratamento dadas ao corpo. Pode-se dizer que houve uma anatomia-política do corpo. A partir da segunda metade do século XVIII, forma-se um novo modo de poder ou o que Foucault chama de biopoder. Este biopoder é localizado no corpo-espécie e garantido pelas intervenções e controles reguladores, que são traduzidos por estratégias biopolíticas aplicadas à população. Para Foucault, estas são duas formas de poder diferentes, com origens distintas, mas que não se excluem. Pelo contrário, se o poder disciplinar em um determinado momento tinha poder de esquadrihar, desarticular os corpos, em um segundo momento, constitui-se, assim como o poder aplicado ao corpo-espécie, em um modelo, cuja função, assenta-se no investimento total sobre a vida. Entretanto, enquanto o primeiro liga-se a um poder individual centrado no corpo, o segundo

associa-se a mecanismos globais de regulação centrados na vida. Na época clássica, o gerir a vida passa a ser o centro da questão de poder com o objetivo de sujeitar e controlar os corpos da população, sendo as noções de anatomia-política e bio-política técnicas desse poder, utilizadas pelas diversas instituições da sociedade.

Desta forma, o biológico adentra o campo político e o controle do saber constitui-se em estratégias de poder. Diferentemente do poder disciplinar, cujo princípio geral era representado pelo modelo do *Panopticon*³, onde prevalecia o regime individual disciplinar, o biopoder tem como função gerir e controlar tudo aquilo que é múltiplo, a população, não mais em espaço vigiado e fechado, mas em espaço aberto⁴. Este é um modo de poder que se forma, por volta da segunda metade do século XVIII, centrado no corpo espécie, na regulação da vida. Esta é uma forma de poder que tinha como preocupação questões relativas à proliferação da sociedade, natalidade, saúde, longevidade, em suma, tinha os processos biológicos do ser humano como suporte. Todos esses processos sofrem intervenções e controles reguladores e é o que Foucault chama de uma biopolítica da população⁵.

Inúmeros estudos debruçaram-se sobre diversas instituições, grupos sociais, nas mais diversas épocas, no intuito de analisar os dispositivos de poder presentes. Na cena contemporânea também é possível esta análise, mas através de uma atualização da questão do biopoder, como determinante das biopolíticas, tendo em vista as novas descobertas da técnica e da ciência, aplicadas à vida, ao corpo, à população, ao homem enquanto espécie.⁶

Este novo horizonte tecno-científico coloca algumas questões de suma importância, como por exemplo, o futuro da espécie humana frente os avanços da biotecnologia e da engenharia genética, a nova representação humana frente ao desenvolvimento da tecnologia da informática e da comunicação, a vida humana em meio aos objetos técnicos⁷. Uma das possíveis atualizações do biopoder pode ser vista através das reflexões feitas por Paul Rabinow, que discute (2002) as mudanças de nossas práticas de vida e éticas sociais com o avanço do projeto Genoma. Ele considera essas práticas de vida e a remodelação da sociedade os lugares mais potentes de novos saberes e poderes. O eugenismo é uma de suas preocupações, pois

projetos anteriores foram embasados em metáforas biológicas. Através da nova genética, novas identidades e novas práticas individuais e grupais poderão surgir.

Isto é o que Rabinow chama de biossociabilidade, gerada pelo esquadrinhamento genético possibilitado pelas novas tecnologias. Em todo caso, é possível afirmar que este saber pode constituir-se em poder de fazer ressurgir ou redefinir antigas questões envoltas de ódio e violência, como é o caso do racismo. Este exemplo é atual e busca prever um futuro próximo, mas que nos ajuda a pensar historicamente na tecnologia, como determinante de nossas vidas, de nossa existência. E também que nos faz questionar sobre nossa história: como os corpos foram construídos levando-se em conta a interferência cotidiana da técnica e da ciência?

Se entendermos que hoje a técnica é um elemento fundamental da cultura, fica mais fácil compreender que esta questão não é, por exemplo, apenas dos geneticistas ou dos filósofos, pela ótica da ética, mas também, talvez sobretudo, da educação. Nossa vida é marcada pela técnica. A técnica está em tudo e em todos os lugares, seja através dos instrumentos, das máquinas ou inserida no próprio corpo. A técnica e a tecno-ciência caracterizaram e caracterizam, mantiveram e mantêm a sociedade, cujo poder foi e é baseado na disciplina, na força, na capacidade de manipulação do simbólico e com a potencialidade da tecnologia baseia-se cada vez mais na capacidade de controle.

O exercício do poder e o controle da sociedade sobre o corpo não advêm apenas da tecno-ciência, mas também da divulgação científica deste conhecimento para o público leigo. Com este estudo pretendemos investigar representações acerca do corpo, com base no complexo da tecno-ciência, construídas pela mídia. Entendemos que o veículo midiático mais propício para esta análise é aquele caracterizado como 'grande imprensa', por este motivo, escolhemos, como fonte da pesquisa, revistas semanais impressas, editadas a partir de 1950, são elas: Manchete(1952-1962) e Veja (1968-2006). Estas revistas não podem ser consideradas revistas especializadas em divulgação científica, mas podemos considerar que elas exerceram (e no caso da revista Veja, ainda exerce) forte influência no imaginário social sobre a ciência.⁸

Como veículos de comunicação, estas revistas interferem na visão de mundo das pessoas, ajudando-as a formar conceitos, que estruturam percepções,

comportamentos e compreensões. Além de divulgar a ciência, estas revistas podem ser vistas também como uma potente forma de ‘educar’ e/ou conformar os corpos na sociedade. Desta forma, escolhemos estas revistas por entendermos que elas participam efetivamente da construção e veiculação de sentidos na sociedade. Estas revistas, como parte dos meios de comunicação de massa, atuam como meios de formação e de informação sobre a vida, o corpo, a ciência, sobre modos de ser e viver, desde que se entenda o processo de educação a partir de uma concepção mais ampla, que considere o estatuto pedagógico da mídia e o modo como operam seus dispositivos.⁹

O tema da ciência/tecnologia nas revistas de grande circulação vem sendo objeto de pesquisa de alguns estudos. No estudo da Revista Manchete, Andrade e Cardoso¹⁰ afirmam que não havia uma seção de divulgação da ciência/tecnologia, mas que apareciam em reportagens exclusivas. Entretanto, Andrade e Cardoso (2001) afirmam que a revista se empenhava na divulgação da ciência, valendo-se muito da imagem, cultivando a idéia de que a ciência era grandiosa e distante do homem comum. Este fato, segundo a autora, contribuiu para uma não predisposição dos brasileiros a fazerem ciência, cuja imagem era mitificada ou banalizada pela revista. Apesar do curto período de edição, estes autores afirmam que esta revista contribuiu para a formação de uma mentalidade científica na história da ciência no Brasil.

A Revista Veja¹¹ também contribuiu e contribui na formação deste imaginário.¹² Realizamos, no primeiro semestre de 2006, um levantamento do material a ser pesquisado, no sentido de perceber a viabilidade do projeto. A partir desta pesquisa diagnóstica, podemos inferir que a Revista Veja ocupa-se de conteúdos científicos extremamente importantes, muitos deles são ligados a questões fundamentais da própria vida orgânica e cultural. O grande problema é que também de certa forma justifica nossa escolha, está no tratamento da temática. Esta revista se apóia em referências científicas legitimando não só o conhecimento científico, mas também sua abordagem de questões complexas, como as de gênero, sexo e raça. Outra questão diagnosticada foi o discurso celebrativo da ciência o que reforça a crença que a ciência é a única instância da sociedade que detém a verdade acerca do conhecimento. Numa trama que envolve imagens e palavras, o corpo muitas vezes é figura central, onde

texto escrito e imagético fundem-se em uma perfeita harmonia no jogo do convencimento.

A divulgação da ciência realizada por essas revistas envolve também o modo como os jornalistas interpretam as informações e seu público alvo, o modo como o público percebe e recebe as informações e abordagens e ainda de que modo esse mesmo público interage e transforma o conhecimento assimilado e divulgado. Como a ciência é um dos temas mais explorados pelos meios de comunicação de massa na contemporaneidade, sua divulgação é mediada, portanto, recontextualizada antes de ser divulgada. Este fenômeno envolve poder, na medida em que envolve produção de sentidos pelo veículo que realiza a divulgação.

Como afirma Baczkó, a emissão e controle dos discursos depende dos avanços dos meios de comunicação de massa que asseguram a circulação de informações e imagens. Este autor ainda observa que, um único emissor, através dos meios de comunicação de massa, pode alcançar uma audiência incalculável. Outra questão a ser observada em relação aos meios de comunicação de massa é que, estes podem amplificar de modo extraordinário as funções dos discursos e dos imaginários que veiculam¹³. Por isto, a categoria do imaginário será essencial em nossa investigação.

Acreditamos que este trabalho nos ajudará a refletir sobre questões como esta, a partir do momento que problematiza a popularização de um dos conhecimentos que mais atinge as pessoas – o conhecimento acerca do corpo humano. Estes avanços tecno-científicos nos forçam a repensar o corpo, suas possibilidades e nossas práticas.

Na sociedade contemporânea, a mídia tem o poder de criar representações e práticas sociais acerca do corpo, que, além do conteúdo específico da ciência, abrangem questões relativas ao gênero, à sexualidade, ao racismo e à humanidade de uma forma geral. Diante disto nos perguntamos: qual a influência das biotecnologias nas representações e nas práticas sociais em relação às categorias de raça, classe e gênero na sociedade contemporânea? Neste sentido, uma das questões em pauta neste estudo, refere-se ao eugenismo, e se as novas biotecnologias engendraram a retomada de um projeto eugênico de sociedade. Pois a tecno-ciência, modifica nossas vidas, nossos corpos, ao produzir um conhecimento que arregimenta, na medida em que ‘avança’ e a cada época, novas sensibilidades em relação às noções de gênero, de

sexo e de raça. Produz novas formas de comportamento, novos valores, novos sentidos atribuídos ao mundo, à sociedade e a nós mesmos.

Portanto, nos interessa, neste estudo, perceber a formação de um imaginário científico sobre o corpo. É por isto que neste trabalho, não nos interessa apenas a divulgação científica sobre o corpo, mas também a divulgação de todo o complexo da tecno-ciência, no qual o corpo está inserido. Perceber o corpo neste contexto pode nos ajudar a entender também a legitimação da ciência em nossa cultura, assim como, pode ajudar a entender melhor a sociedade através de seus corpos.

REFERENCIAL E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O presente estudo tem uma perspectiva histórica, baseada na abordagem qualitativa da identificação, análise e interpretação das representações a serem investigadas com o objetivo de compreender a formação de um imaginário científico acerca do corpo, a partir dos discursos formulados pela mídia impressa. O conceito de imaginário social será essencial neste trabalho, cuja abordagem será guiada pela concepção de Castoriadis. Através de suas reflexões, buscaremos as condições teórico-conceituais, cuja sustentação nos possibilite compreender a complexidade da formação do imaginário, que nos parece ser, em decorrência das características do nosso estudo, o caminho mais propício a ser incorporado. Outras contribuições relevantes ao estudo das produções imaginárias na sociedade serão a de Baczko, a teoria de Chartier sobre representações, os princípios e procedimentos em análise do discurso de Pêcheux e Orlandi. É claro que, somam-se a estes, outros importantes nomes a serem incorporadas em nossa análise das formações imaginárias.

No primeiro momento dessa investigação temos a intenção de contextualizar a chamada ‘revolução técnico-científica’ a partir de 1950. Este momento é importante, no sentido de possibilitar a percepção das características da sociedade pós-industrial e as conseqüências da chamada revolução da informação. Esta reflexão será ancorada na problematização da questão da técnica na vida humana.

Este momento contemplará também, uma análise da tecno-ciência contemporânea, como forma de saber-poder, onde buscaremos refletir acerca dos

conceitos ‘biopoder’ e ‘biopolítica’ de Michel Foucault e sua subsequente atualização, principalmente através das abordagens filosóficas realizadas por Gilles Deleuze, Félix Guatari, Antônio Negri, Michel Hardt, Giorgio Agamben, François Ewald e Paul Rabinow.

O segundo momento será dedicado a uma análise da mídia no processo de formação do imaginário social acerca da ciência e do corpo. A grande imprensa será analisada como um gênero discursivo importante neste processo, cuja reflexão visa também compreender como opera o poder através dos meios de comunicação de massa. Será nossa preocupação abordar a questão da audiência, da recepção, da adaptação do texto científico e do tipo de conhecimento divulgado especificamente nas fontes escolhidas deste estudo.

Os discursos produzidos pela mídia impressa serão o foco do **terceiro momento** deste estudo, que será dedicado à análise dos dados coletados – imagens e textos explicativos das Revistas semanais *Manchete* e *Veja*. Da Revista *Manchete*, levantaremos dados referentes ao período de 1952-1962 e da Revista *Veja* de 1968-2000. Este recorte se justifica pelo fato de ser a partir de 1950 que ocorre a revolução da informação, decorrente da potencialização da tecno-ciência. Este fenômeno confere um poder exponencial na reconfiguração do corpo e na tecnologização da vida. Estes exemplares estão disponíveis na Biblioteca Pe. Alberto Antoniazzi da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Belo Horizonte, na Hemeroteca Pública de Minas Gerais e através do *site* da Revista *Veja*. As revistas a serem analisadas serão escolhidas através das manchetes das capas e principalmente das imagens das capas, que contenham a atuação da ciência e da tecnologia sobre o corpo e sobre a vida em destaque, no período recortado. Aplicaremos este critério de seleção de acordo com as seguintes categorias: corpo, ciência e tecnologia. Nos concentraremos nas matérias e imagens dedicadas ao conhecimento científico sobre o corpo e que envolvem a tecnologização da vida.

Compreendemos as revistas *Manchete* e *Veja* como veículos midiáticos que se constituíram e a revista *Veja* ainda se constitui em uma enorme potencialidade de divulgar a ciência. Portanto, partimos do pressuposto que os veículos de comunicação de massa mantêm um forte vínculo com a realidade, portanto, com o enraizamento e

circulação de idéias. Ao tratarmos da categoria do imaginário neste trabalho, estaremos tentando compreender uma instância da realidade e não um reflexo do real.

É com este enfoque que pretendemos entender que os textos das revistas analisadas não apenas tratam de transmitir informações ou mensagens, mas de pensar o discurso. Entendemos que não apenas a escola é responsável pela transmissão de conhecimentos, crenças e opiniões, mas sobretudo os veículos de comunicação de massa têm uma importância fundamental na vulgarização da ciência, conseqüentemente na formação de um imaginário científico no qual o corpo está inserido. Se através destes veículos as pessoas têm acesso à ciência, é importante refletirmos sobre a mídia como constituição de espaços de conhecimento, crenças e opiniões que veiculam práticas e representações científicas sobre o corpo e a subjetividade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. *Aconteceu, virou manchete*. Revista Brasileira de História, 2001, vol. 21, número, 41, p. 243-264.
- AUGUSTI, Alexandre Rossato. *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da Revista Veja*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- BACZKO, B. *A imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p. 283-347.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. *O mundo como representação*. Estudos Avançados – USP, 1991. v. 5. nº. 11, jan./abr./, p. 173- 191.
- CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder – Uma análise da mídia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações. 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução: Étienne Gilson. – Lisboa: Edições 70, 1979.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário*. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Letras, 1974.
- _____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Glavão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 20 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 1997.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassalo. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GIACOIA O., *Hans Jonas: o princípio responsabilidade*. In: Oliveira M. A. de, (Org), *Correntes fundamentais da Ética Contemporânea*, 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 194.

- HARDT, Michel; NEGRI, Antônio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- MASSARANI, Luisa et al (org.). *Terra Incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: FOCRUZ, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NOVAES, Adauto et al. *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. “*Imaginário Científico e História da Educação*”. In: VEIGA, C. & FONSECA, T.: *História e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e técnica*. In: SALLES, João Carlos (org.). *Plenárias da ANPOF*. Quarteto editora. 2004/2006.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso - Estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Puccinelli orlandi. 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.
- RABINOW, Paul. *Antropologia da razão – ensaios de Paul Rabinow*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- Revista Manchete de 1952-1962.
- REVISTA VEJA de 1968 – 2006.
- ROCHA, Célia A. O “re-conhecimento” do corpo na educação física escolar como modalidade do ser-no-mundo. 2001. 203 f. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.
- SANTAELLA, Lucia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias a cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SCHAFF, Adam. *A sociedade informática – as conseqüências sociais da segunda revolução industrial*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista: Brasiliense, 1995.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico – Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Editora Aubier, 2001.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Tradução: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- SOARES, Carmen (org.). *Corpo e história*. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2004.
- WIENER, Norbert. *Cibernética*. Madrid: Guadiana de Publicaciones, 1960.
- _____. *O homem e a máquina*. In: *O conceito de informação na ciência contemporânea*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 69-99.

¹ MERLEAU-PONTY, 1999. *Passim*.

² FOUCAULT, 1988, p. 131.

³ *Panopticon* era um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Cf. FOUCAULT, 1974, p. 69.

⁴ Cf. MAIA, 2003.

⁵ FOUCAULT, 1988, p. 131.

⁶ Cf. MAIA, 2003.

⁷ Mesmo sendo certo que a cultura humana sempre esteve em meio aos objetos técnicos, estamos enfatizando a potencialidade da tecno-ciência contemporânea, acreditamos que isto confere um outro sentido entre a relação homem e técnica.

⁸ Tanto a revista Manchete, quanto a revista Veja, têm circulação nacional. De acordo com ANDRADE & CARDOSO (2001), a revista Manchete não revelava suas tiragens, a estimativa de publicação era feita através da capacidade de produção das máquinas. No início, por volta de 1950, sua tiragem era de 200.000 exemplares, posteriormente, de acordo com o depoimento de Bloch, sobre a capacidade das

máquinas rotativas, estimou-se que a tiragem era de 800.000 exemplares. A revista *Veja*, por sua vez, segundo Augusti (2005), foi lançada com uma tiragem de 700.000 exemplares, entretanto, segundo ele, as vendas em 1968 giravam em torno de 100.000 a 150.000. Porém, no mesmo período a produção caiu para 70.000 exemplares; em 1972 caiu para 40.000 exemplares (segundo Augusti, há fontes que indicam que as vendas neste período caíram para 19.000 exemplares). A partir de 1976, a revista *Veja* volta a ampliar o número de exemplares e alcança a vendagem de 170.000 exemplares por semana; em 1978, aumenta para 250.000 exemplares por semana e no início dos anos 80, alcança um total de 400.000 exemplares por semana. Atualmente sua tiragem é superior a um milhão de exemplares.

⁹ A partir desta afirmação é importante o esclarecimento de que este trabalho não toma as revistas como objeto de estudo. Nossa busca é investigar o corpo e sua relação com a potencialidade da tecnologização da vida cotidiana.

¹⁰ Cf. ANDRADE & CARDOSO, 2001.

¹¹ Augusti (2005, p. 80) apresenta um panorama dos leitores da Revista *Veja*: “5.000.000 (em média, 4 leitores por exemplar); 940.000 têm carteiras de assinantes; 52% são mulheres; 68% (3.415.000) pertencem à classe A e B; 47% têm entre 20 e 39 anos; 55%* têm nível superior; 80%* têm casa própria; 80%* têm automóvel no lar; 51%* têm TV a cabo. (*) Base: leitores/adultos classe AB acima de 18 anos. Obs: (números de out. 2002, fornecidos por *Veja*, via e-mail, em 07.jun.2005 – Fontes: Estudos Marplan)”.

¹² A revista *Veja* tem grande acesso da população, é uma das revistas mais vendidas no país e é considerada a quarta revista mais lida do mundo. Esta informação é da Associação dos Editores Nacionais de Revistas. Cf. AUGUSTI, 2005.

¹³ BACZKO, 1985, p. 313.